

Os dois Pedros e o chefe

Dois de seus homens de confiança, Malan e Parente, definem como é viver com o presidente

Mesmo os mais extremos opositores de Fernando Henrique reconhecerem suas qualidades de homem sereno e afável. Um seu ex-ministro, dos tempos do primeiro mandato, que já conviveu com outros presidentes, diz que FHC foi o chefe mais cordial e bem-educado que conheceu em toda a sua vida de político. O que teriam a dizer, então, os dois Pedros, o Malan e o Parente, também tidos como possuidores de um temperamento que se assemelha muito ao do presidente? Que balanço eles fazem dos oito anos de convivência com FHC? O Estado foi ouvi-los.

PALAVRAS DE MALAN

“Falo não só em meu nome pessoal, mas de todos aqueles que trabalham comigo e que tiveram um contato direto com o presidente Fernando Henrique Cardoso. É uma honra e um privilégio trabalhar com uma pessoa como ele. Eu tenho a vantagem de conhecê-lo desde o início dos anos 70, quando eu estava fazendo o meu doutorado nos Estados Unidos e ele era professor visitante na mesma universidade. Quando fui escolhido negociador da dívida externa, em junho de 1991, foi no apartamento dele, aqui em Brasília,

que tive uma série de reuniões informais com vários senadores da época, como Mário Covas, Marco Maciel, Esperidião Amin, Ronan Tito. Nós nos encontrávamos para jantar e conversar, e eu explicava aos senadores o rumo que estava imprimindo às negociações.

“Portanto, é uma relação antiga e que flui naturalmente. Com frequência, ao longo destes anos, e eu sou uma pessoa reservada, nunca comentei com ninguém, ele me chamava para conversar nos fins de semana, no Alvorada. Ou para almoçar, jantar e trocar idéias sobre os temas mais variados. De modo que sou uma pessoa suspeita para falar do presidente. Por isso, comecei dizendo que eu falo não em meu nome, mas de pessoas que trabalham com ele. Todos, sem exceção, têm um profundo respeito pela maneira como o presidente conduz a chamada coisa pública. Ele tem uma capacidade enorme de ouvir as pessoas que preza, independentemente de sua hierarquia. Ele ouve os secretários do Ministério da Fazenda, pessoas que trabalham comigo. E eu o estímulo a fazê-lo, porque acho importante que ele tenha outras visões e opiniões além das minhas.

“Sua afabilidade, sua capacidade de ouvir, seu não-voluntarismo, impedem que ele ceda ao impulso do momento. Acho que essa é uma enorme qualidade do homem público: a capacidade de ouvir, de pensar, de refletir, e não ter uma postura marca-



Sua capacidade de ouvir impede que ele ceda ao impulso do momento

Pedro Malan

da, como ele disse na nossa última reunião ministerial, por uma tradição de caudilhismo, de histrionismo, de voluntarismo que marca alguns líderes políticos brasileiros.

“Para terminar, acho que foi isso que permitiu, por exemplo, quando ele assumiu o Ministério da Fazenda, em 22 de maio de 1993 – o quarto ministro da Fazenda em menos de oito meses do governo Itamar Franco – que reunisse imediatamente em torno de si um grupo de pessoas que tinha, para com ele, uma

certa lealdade básica. Pessoas como Edmar Bacha, Pêrsio Arida, André Lara Resende, que entraram ali naquele período e, se não fosse a confiança e o respeito que devotavam a Fernando Henrique, dificilmente teria sido possível derrotar a hiperinflação no Brasil, como fizemos. Para mim, particularmente, repito: foi um prazer, uma satisfação, uma honra e um privilégio trabalhar com ele ao longo destes nove anos e meio.”

PALAVRAS DE PARENTE

“A amabilidade e a afabilidade do presidente não são uma coisa que ele use como se fosse necessária para o desempenho do cargo. Ele é uma pessoa serena, mesmo nos momentos de muita tensão, o que é muito diferente de dizer que ele não está percebendo a seriedade do problema. Percebe perfeitamente, com tranquilidade. Por exemplo, a questão da mudança cambial, no início de 1999. Ele tomou a decisão de optar por uma linha que não era a do então presidente do Banco Central e do próprio ministro da Fazenda. Ele optou por uma linha que não deu certo (defendida pelo novo presidente do BC, Francisco Lopes). No momento seguinte, tomou outra decisão extremamente difícil: mudar o novo presidente, que tinha sido sabatinado pelo Senado naquela semana.

“Eu me lembro de que, naquele momento, o Malan ficou numa situação delicada, pois era extremamente amigo dos dois



Nas situações mais difíceis, o presidente se comporta com serenidade. Ele é um porto seguro

Pedro Parente

(Gustavo Franco e Chico Lopes). Malan fez então o que um homem público sério deve fazer: colocar o cargo à disposição do presidente, mas sem a condição de sugerir um caminho. Naquele momento, discutindo com o presidente e o Malan, nós chegamos à conclusão de que deveria ser mudado o presidente do Banco Central (Lopes foi substituído por Armínio Fraga). E o presidente foi quem segurou a decisão até o final, porque na hora eu mesmo fiquei com medo, já que o momento era de extrema

turbulência. O presidente tomou a decisão e sustentou-a. Veja o quanto isso é importante para que se transmita para toda a máquina uma segurança. Nas situações as mais difíceis, o presidente da República se comporta com serenidade. Ele é um porto seguro. Imagina o quanto seria difícil você chegar para um presidente da República com uma decisão, e ele titubeia, fica nervoso, fica tenso. E isso se transmite que nem rastilho por toda a máquina, o que não é o caso do presidente Fernando Henrique. Ao contrário, ele sempre nos deu uma enorme segurança, porque você sabe que, na hora h, no momento difícil, vai encontrar uma pessoa absolutamente serena.

“O presidente tem, para mim, uma grande vantagem, porque eu também sou assim: não ficar prestando atenção a detalhes e bobagens. Ele consegue, com muita rapidez, distinguir o que é importante e vai ao ponto. Ele também tem outra característica importante: o poder de descentralizar, de delegar, segurando aquilo que é o essencial. Isso é que dá agilidade à máquina. Uma máquina, como a do governo federal, já é por si só extremamente lenta. O gestor público é estimulado ao imobilismo, e não à capacidade de empreender, por envolver riscos. O gestor público está sujeito aos procuradores, ao Tribunal de Contas, às CPIs. Então, o melhor é não fazer nada, para não ter problemas futuros.” (M.C.J)